

LITERATURA E FILOSOFIA: A MAGIA DA PALAVRA*

LETTERATURA E FILOSOFIA: LA MAGIA DELLA PAROLA

Audemaro Taranto Goulart**

RESUMO

A proposta deste trabalho visa a refletir sobre a interação que se pode estabelecer entre literatura e filosofia (e outras linguagens), na expectativa de entrever princípios que se possam reunir a outros na tarefa de apresentar práticas que, de algum modo, façam frente à singular presença de notícias e informações que se colocam, sobretudo nas redes sociais, explorando um painel marcado por uma carga ideológica. Tendo em vista a ocorrência de fatos e situações que o desenvolvimento do mundo tecnológico vem colocando para seduzir os indivíduos na realidade contemporânea, um sinal de alerta tem aparecido. Esses fatos e situações se expandem com capacidade operacional para alterar o rumo da vida social e o próprio bem-estar dos sujeitos. Isso ocorre a partir de uma realidade que trabalha com a sedução de falácias que, a bem dizer, inventam um mundo construído com intencional obscurantismo. E é nesse cenário que o saber filosófico, articulado com outras áreas do conhecimento, pode oferecer uma significativa contribuição para evitar os danos que uma ideologia perversa põe em cena.

PALAVRAS-CHAVE: língua; literatura; filosofia; magia da palavra; falácia

RIASSUNTO

Lo scopo di questo lavoro è riflettere sull'interazione che può instaurarsi tra letteratura e filosofia (e altri linguaggi), in attesa di intravedere principi che possano unirsi ad altri nel compito di presentare pratiche che, in qualche modo, affrontino la singolare presenza di notizie e informazioni postate, soprattutto sui social network, segnati da una grande carica ideologica. Di fronte al verificarsi di fatti e situazioni che lo sviluppo del mondo tecnologico ha posto per sedurre gli individui nella realtà contemporanea, è apparso un segnale di allarme. Questi fatti e situazioni si ampliano con capacità operativa di cambiare il corso della vita sociale e il benessere stesso della soggetti. Ciò avviene da una realtà che funziona con la seduzione di falsità che, in senso buono, inventano un mondo costruito con oscurantismo intenzionale. Ed è in questo scenario che il sapere filosofico, articolato con altri saperi, può offrire un contributo significativo per evitare i danni che un'ideologia perversa porta in primo piano.

PAROLE CHIAVI: lingua; letteratura; filosofia; magia della parola; fallacia

* Palestra proferida no 54º Simpósio filosófico da PUC Minas (*Filosofia, literatura e novas linguagens*) dia 16/05/2023. Artigo recebido em 31/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

** Doutor em Teoria literária e literatura comparada pela USP. Mestre em Literatura brasileira pela UFMG. Graduação em Letras anglo-germânicas pela PUC Minas. Professor titular da PUC Minas. E-mail: tarantogoulart@gmail.com.

A ARTICULAÇÃO FILOSOFIA E LITERATURA

A proposta deste trabalho visa a refletir sobre a interação que se pode estabelecer entre literatura e filosofia (e outras linguagens), na expectativa de entrever princípios que se possam reunir a outros na tarefa de apresentar práticas que, de algum modo, façam frente à singular presença de notícias e informações que se colocam, sobretudo nas redes sociais, explorando um painel marcado por uma carga ideológica.

Tendo em vista a ocorrência de fatos e situações que o desenvolvimento do mundo tecnológico vem colocando para seduzir os indivíduos na realidade contemporânea, um sinal de alerta tem aparecido. E esse sinal de alerta tem sua razão de ser porque uma série de fatores tem-se mostrado com capacidade operacional para alterar o rumo da vida social, com reflexos que, em muitos casos, podem ser danosos para o próprio bem-estar dos sujeitos. É o que ocorre com inúmeras notícias e informações que se colocam nas redes sociais, explorando uma prática que, no mais das vezes, tem significativo viés ideológico e que acaba interferindo na autonomia das pessoas. Isso ocorre a partir de uma realidade que trabalha com a sedução de falácias que, a bem dizer, inventam um mundo construído com intencional obscurantismo. E é nesse cenário que o saber filosófico, articulado com outras áreas do conhecimento, pode oferecer uma significativa contribuição para evitar os danos que uma ideologia perversa põe em cena.

O enfrentamento dessa adversidade só poderá ser efetivamente feito se sua organização estiver voltada para a busca do conhecimento, uma atitude que precisa ser continuamente renovada, pois o conhecimento exige uma atualização ininterrupta, num processo de aperfeiçoamento que nunca cessa.

Destaco como princípio para alcançar uma efetiva produção do conhecimento o trabalho com algo que está marcado por uma singular magia. Trata-se da língua, a operação que ao nomear seres e coisas dá vida a tudo quanto existe. Rigorosamente, pode-se dizer que qualquer ente só passa a existir a partir do momento em que é nomeado, ou seja, quando se torna um signo. Para se ter uma ideia da dimensão mágica da língua, destaco o que seria a sua conceituação em termos operacionais, assim enunciados:

- 1) a língua é constituída por um número finito de elementos: os fonemas e os morfemas;
- 2) tais elementos articulam-se também segundo um número finito de possibilidades;
- 3) entretanto, o resultado dessa articulação se dá numa forma contínua, ininterrupta e que caminha num processo ao infinito.

É preciso lembrar que esses três princípios que caracterizam a língua – a continuidade, a ininterruptão e a infinitude – são os vetores responsáveis pela sua extraordinária condição, a sua magia mesmo. Quer dizer, esse movimento incessante que está criando e modificando seus termos, numa operacionalidade que jamais cessa, pode ser conferido quando nos damos conta do quanto os seres humanos vêm aprendendo e desenvolvendo a língua desde os mais remotos tempos.

Para tornar mais evidentes tais colocações, lembre-se de que a constituição da língua, como foi visto, se dá por meio de elementos que existem em quantidade limitada: fonemas e morfemas (enunciado 1). Uma vez que tais elementos são limitados, ou seja, se eles têm uma existência e uma duração definida, a sua articulação também será, por óbvio, limitada (enunciado 2). Entretanto, e é aí que reside uma notável surpresa, o desempenho e o desenvolvimento da língua, como se disse, é infinito (enunciado 3).

Tais predicamentos é que possibilitam uma utilização multifuncional da língua, cuja importância pode ser vista na comunicação feita entre os sujeitos, no seu uso estético-artístico e na produção e disseminação do conhecimento. Para além dessa importância, veja-se como se dá, nos dias atuais, o uso ideológico e perturbador da língua, na criação de realidades paralelas, perpetradas pelas *fake news*.

A partir desse quadro, destaque-se a importância de dois mecanismos que incitam a operação linguística: o rigor e o prazer. O rigor caracteriza-se no continuado aperfeiçoamento que se faz na aprendizagem e no uso da língua, pois os enunciados que ela produz, para serem precisos e eficientes, têm de estar estruturados nos fundamentos da coesão e da coerência, que são princípios orgânicos da sua composição. Desse modo, o uso correto dos aspectos gramaticais, assim como a organização operativa da língua são pontos decisivos para a perfeita circulação das mensagens.

Quanto ao prazer que a operação da língua proporciona, lembre-se o que Aristóteles expõe em sua *Poética*. Ali, o filósofo caracteriza a poesia como imitação, destacando que a “poesia foi gerada de duas causas, cada uma delas profundamente arraigada na natureza humana”. A primeira dessas causas seria o “instinto de imitação que está inscrito no homem desde o seu nascimento, o que é uma diferença entre ele e os outros animais, [...] o homem é o mais imitador das criaturas vivas e pela imitação aprende suas primeiras lições”. Em seguida, o filósofo coloca que o homem deriva o prazer das coisas imitadas. Aristóteles exemplifica a afirmação, mostrando como objetos e seres que causam repugnância ao ser humano quando vistos ao natural, despertam nele prazer quando são contemplados numa imitação que é feita

com fidelidade. O exemplo que lembraria para ilustrar a afirmação é o que diz respeito a uma ação violenta, um crime de morte, por exemplo. A cena vista ao vivo pode ser altamente desagradável, mas não provoca indignação quando lida numa página ou quando vista numa tela de cinema; consegue levar prazer ao leitor ou espectador, baseado, sobretudo, na fidelidade do reconhecimento de uma ação que aparece como algo que acontece no mundo mas que não é, a rigor, o mundo mesmo do leitor ou espectador que poderiam ali se sentir ameaçados.

Concluindo o raciocínio, Aristóteles coloca que a “causa disso é que o aprender dá o maior prazer não apenas aos filósofos, mas ao homem em geral”, completando com a afirmação de que aí está a “razão pela qual os homens têm prazer em ver aquilo que é representado, pois contemplando-o sentem que estão produzindo um reconhecimento ou fazendo uma inferência, assim podendo dizer: ‘Ah, aquele é ele’”.

Deve-se destacar ainda a importância da *Poética* de Aristóteles como um documento precioso para os estudos da literatura, dada a sua dimensão que abarca um universo cultural que, provindo da Grécia clássica, tem manifestações e aplicações que continuam fazendo significativo sentido na contemporaneidade.

Na *Poética*, quando se entra em contato com as considerações que focalizam o universo da tragédia grega, colhem-se ensinamentos que dizem respeito à encenação teatral, detalhadamente explicitada, mas também se penetra num universo filosófico que focaliza a questão do conhecimento nas suas variadas feições.

Isso é observado quando Aristóteles fala do reconhecimento e da peripécia, os dois elementos qualitativos do enredo da tragédia. O conhecimento – a chamada *anagnórise* – é a mudança do ignorar ao conhecer, ou seja, é um movimento na trama em que o personagem fica sabendo de algo que, até então, não era do seu conhecimento. Tem-se aí, então, a emergência de um saber que estava oculto e que o personagem reconhece com certa surpresa. Tal saber gera uma reviravolta na vida da personagem, provocando a chamada peripécia, que Aristóteles caracteriza como uma mudança em que a ação se torna no seu contrário, como a passagem da alegria para a tristeza, da tranquilidade para a inquietação; um movimento que está muito bem explicitado nas cenas do *Édipo Rei*, de Sófocles. No momento em que Édipo fica sabendo que ele era de fato o assassino de seu pai, o que também o levou a tornar-se o amante incestuoso de sua mãe, o rei de Tebas passa de um soberano admirado e querido de seus súditos a um crápula cuja necessária punição seria a expulsão vergonhosa da sua cidade.

Essa formulação do reconhecimento e da peripécia na tragédia grega traz uma marca significativa e surpreendente: a constatação de que o saber, o passar do ignorar ao conhecer, em síntese, a necessidade de se alcançar o conhecimento, se faz acompanhar do sofrimento, gerando o que se pode denominar de angústia do saber. Pode parecer paradoxal essa afirmação, mas ela se revela pela evidência de que o saber é algo que estará sempre onerando o ser humano, muito naquela linha da famosa frase atribuída a Sócrates, em que o filósofo adverte quanto à necessidade de se tomar consciência da própria ignorância, tal como expresso naquela “só sei que nada sei”.

Reflexões variadas atestam essa angústia do saber que alcança o ser humano. Veja-se, por exemplo, a notável ignorância que temos desse universo fabuloso que jamais conseguimos conhecer minimamente. Este mundo misterioso e fascinante atesta a incapacidade humana de lidar com os dados e informações que sempre se expressam em números inimagináveis para a nossa compreensão. Cito, como exemplo, pesquisas que têm sido realizadas pela NASA, mostrando imagens de um asteroide, chamado de Ultima Thule, um corpo celestial que se encontra a 6,5 bilhões de quilômetros da Terra. A descoberta acompanhada pela sonda New Horizons, que saiu da Terra em janeiro de 2006, mostra que o Ultima Thule orbita em uma região tão distante que suas imagens demoram dez horas para chegar à Terra. Tal lugar é uma zona periférica habitada por asteroides e planetas anões que teriam surgido quando da “formação do Sistema Solar, há 4,6 bilhões de anos”.

Tudo isso forma um conjunto de fortes indícios que sugerem a hipotética existência de um planeta que os astrofísicos estão chamando de Planeta Nove, instalado no lugar que era anteriormente ocupado por Plutão que acabou rebaixado à condição de planeta anão.

Mas o que mais surpreende e revela quão miseravelmente pobre é o nosso conhecimento do universo está no fato de que o Planeta Nove tem uma órbita de cerca de 30 graus, num movimento diferente dos demais planetas do Sistema Solar, que estão alinhados no plano horizontal. E se juntarmos a isso a informação de que esse ilustre desconhecido, para dar uma volta completa em redor do sol, leva nada menos que algo entre 18.520 a 58 mil anos, e considerando que tudo isto se passa no *nosso Sistema Solar*, teremos a insinuante conclusão de que nosso conhecimento é algo que ronda os limites da absoluta precariedade, e é por coisas assim que se pode dizer que o conhecer-desconhecer é uma articulação que leva ao sofrimento, pois sempre ocorrerá aquela verdade de que quanto mais o homem sabe, mais ele se dá conta de que seu conhecimento, diante do que ainda resta por conhecer, é algo absolutamente minúsculo.

Posto isso, veja-se como a articulação de linguagens sempre constitui um elemento a mais para refinar o conhecimento. No caso da interação entre filosofia e literatura, além das colocações feitas por Aristóteles no plano da imitação, ou seja, no plano estético-literário, podem-se lembrar outros exemplos em que a filosofia colabora para refinar o entendimento da leitura, sobretudo a que se faz no plano do literário.

Veja-se, por exemplo, a influência da filosofia na obra de dois dos maiores poetas que a civilização ocidental conheceu: Petrarca e Camões. Em ambos é notória a influência da filosofia de Platão. Isso, evidentemente, se justifica no fato de Petrarca e Camões serem típicos representantes do humanismo renascentista. Afinal, o Renascimento representou justamente um retorno à antiguidade greco-romana, como forma de retomar os princípios que fundamentaram um modo de ver, de sentir e de pensar do mundo clássico. É por essa via que Joaquim Ferreira explica a presença de Platão nessa época: “Petrarquismo e platonismo são sinônimos na estética literária do século XVI. A teoria platônica do amor não deixou de dominar os poetas dessa época.” Mais adiante, o autor português é ainda mais incisivo ao falar da influência de Platão: “Ler os poetas deste século obriga-nos a pensar em Platão. As líricas camonianas acusam a mesma influência.”

Óscar Lopes e António J. Saraiva também são claros ao mostrar a modelagem de Platão em Camões, lembrando, inclusive, que, em alguns momentos, o poeta como que pretende resolver a tensão entre a espiritualidade e a sexualidade que aparece em sua obra, valendo-se de uma espécie de paralelo com Santo Agostinho e as duas etapas da vida do santo. Desse modo, aparece em seus textos, frequentemente, a articulação entre a virtude e a sensualidade, com inegável inclinação para fazer a virtude sobressair. Dizem os professores portugueses: “A beleza das coisas terrenas não passa de um arremedo da Beleza plena, que existe substancialmente num mundo a que este serve somente de sombra.”

Outros grandes filósofos e pensadores poderiam ser citados, tendo em vista a sua contribuição para a leitura dos textos literários, com relevantes observações feitas nos escaninhos da linguagem. É o caso de Michel Foucault e suas instigantes leituras que destacam muito a importância da linguagem, tanto é que Foucault sempre considerou a palavra como o elemento predominante sobre todas as relações, inclusive sobre os princípios filosóficos ou científicos. Na verdade, segundo o filósofo, os pensadores supunham estar trabalhando com conceitos, mas estavam, de fato, lidando com palavras, o que leva à conclusão de que todo conhecimento é textual e, portanto, relativo. Para Foucault, essa circunstância conduzia a fundamentos do conhecimento que direcionavam a própria dinâmica

cultural, fazendo com que determinadas épocas tivessem a sua maneira de pensar e de produzir leis, prescrições e normas de conduta o que, para Foucault, é uma costura que se estabelece com o fim de instituir as relações de poder.

Lembre-se também de Gilles Deleuze e seu revelador trato da linguagem com inserções notáveis no campo social, e Wittgenstein que parece ter atingido o paroxismo no exame do uso produtivo da língua, sobretudo quando estabelece distinções entre o dizer e o mostrar, instantes decisivos na operação de uma comunicação que faz do fracasso do dizer uma vitória do mostrar. Lembro ainda Santo Agostinho e suas notáveis colocações quanto à questão do tempo e o seu movimento entre o presente, o passado e o futuro; evoco também Claude Lévi-Strauss, o antropólogo que se valeu dos estudos dos mitos para mostrar que tais narrativas revelam sempre um mais-dizer que é importante para o equilíbrio do sujeito humano.

Para concluir esse ligeiro voo sobre nomes ligados à filosofia, elejo um deles para exemplificar com mais detalhes a interação entre a filosofia e a literatura. Trata-se de Jacques Derrida, filósofo argelino-francês que fez do desconstrucionismo um produtivo movimento no sentido de encontrar a essência de um texto e, por essa via, descortinar o que, muitas vezes, está apenas sugerido e não expressamente dito.

Por esse motivo, a linguagem ocupa uma posição fundamental nas articulações filosóficas de Derrida. A começar pelo fato de que, para ele, é um equívoco supor que a verdade pode ser encontrada na essência das coisas. De acordo com suas formulações, o objetivo da filosofia não poderia ser essa busca das coisas; ao contrário, deveria concentrar-se na linguagem que se utiliza. E, nesse caso, é preciso levar em conta que a linguagem, como ensinou Saussure, é um sistema estabelecido num conjunto de diferenças. Por isso mesmo é que não se pode imaginar o resultado da linguagem como produto de uma relação que ela mantém com as coisas que nomeia, pois o significado mesmo é decorrência de um sistema de diferenças entre os fonemas e não de uma correlação estabelecida entre o signo e o ente que ele representa. Além do mais, o espaço em que se dá esse jogo de diferenças é enorme, o que possibilita uma grande variedade de significações.

É nesse ponto que começa o questionamento que Derrida apresenta à filosofia ocidental e, por extensão, ao próprio pensamento no Ocidente, uma vez que esta filosofia sempre trabalhou com relações binárias originadas da lógica. Tais relações acabavam promovendo os fundamentos com que se procurava estabelecer a identidade e definir a verdade. Nesse ponto, não havia como possibilitar o surgimento da diversidade que a linguagem sempre propiciou

porque uma coisa ou era verdadeira ou era falsa; algo só poderia ser positivo ou negativo e, assim, por diante: alto/baixo, claro/escuro, finito/infinito, bem/mal etc.

Ora, a reflexão sobre a linguagem vai mostrar que, sendo a significação resultado de um jogo de diferenças estabelecidas entre seus elementos, não há como deixar de considerar que esse jogo se dá no interior da própria linguagem, não estando, pois, relacionado com as coisas externas que pretende descrever. Segundo Derrida, o que nos faz pensar que o mundo se apresenta na forma de conteúdos logicamente estabelecidos, contendo suas verdades, é um simples pressuposto de que a realidade apresentada é, de acordo com os princípios da lógica, coerente e, por isso, verdadeira. Daí que tudo quanto contradissesse as leis da lógica deveria ser considerado como falso e inaceitável.

Entretanto, revela Derrida, é preciso ter em mente que nossa consciência tem uma intuição do mundo que está além da lógica, e a lógica só pode atuar depois que intuímos aquilo que nossa consciência captou. E Derrida afirma que é a consciência e a linguagem que nos possibilitam conhecer.

Tais considerações, ainda que marcadas por significativo reducionismo, parecem-me suficientes para dar uma ideia da posição de Derrida, segundo a qual dever-se-ia pensar no quanto as palavras podem significar e não no que elas significam. É por isso que a linguagem, na riqueza de seus diferentes significados, nas ambiguidades que tais diferenças necessariamente trazem e nos jogos de associação que eles ensejam, realiza operações tão múltiplas que jamais se poderá pensar, por exemplo, num significado fixo ou numa interpretação única para um texto.

No caso da literatura, cito um exemplo bastante significativo para mostrar como é fundamental fazer uma leitura atenta e refinada para encontrarem-se significados sugeridos que existem às dezenas ou às centenas em qualquer texto, pois, como disse Derrida, o jogo da significação se dá no interior da própria linguagem, não estando, então, relacionado com as coisas externas que pretende descrever. Para se encontrar tais significados é necessário que se faça uma leitura inteligente. E o que é uma leitura inteligente? Basta atentar para a formação da palavra *inteligência*, que vem do latim “*intuslegere*”, que significa “ler por dentro”; daí que ler um texto competentemente, lê-lo por dentro, na sua profundidade e nos seus escaninhos equivale a uma busca de significados submersos, apenas sugeridos, mas que nossa intuição é capaz de captar.

Obviamente, não haveria tempo para trabalhar detalhadamente um exemplo de tudo quanto foi colocado. Gostaria, entretanto, de fazer referência a um texto para ilustrar o que se

disse. Para tanto, tome-se um dos mais comentados e apreciados textos de nossa literatura: o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. No seu capítulo II, o personagem Bentinho, que é também o narrador da história, sem ter uma compreensão clara do que fora a sua vida com a esposa Capitu, tenta, já numa idade avançada, encontrar uma explicação para tudo o que experimentou tão negativamente no seu casamento. A estratégia do personagem é tentar compreender o que se passou na sua história e, nesse plano, estaria, inclusive, a reconstrução da casa de sua infância, em Matacavalos, onde conheceu a Capitu criança que viria a ser a sua esposa. Essa reconstrução, no bairro do Engenho Novo, reproduz, em todos os detalhes, a casa antiga. E o que chama a atenção do leitor (ou deveria chamar tal atenção) é o fato de que na sala de visitas pintaram-se quatro medalhões nas suas paredes. Ali estavam representados os imperadores romanos Augusto, César, Nero e um outro, ilustre desconhecido, o rei Massinissa, da Numídia, um pequeno território a oeste de Cartago que quase sempre teve a proteção de Roma, chegando mesmo a ser uma província romana.

Registre-se que tais figuras são bastante sugestivas na narrativa. Afinal, a sua presença, tão marcante pelo fato de estar pintada nas paredes das duas casas, não seria gratuita, portanto o leitor tem que buscar explicações, tem que investigar, enfim, tem que obter uma resposta para aquele cenário.

Num brilhante ensaio, a professora Marta de Sena, da UFRJ, mostrou que aqueles retratos eram muito mais que simples pinturas, porque eles, na verdade, são vozes que se comunicam com o leitor, e por meio delas é possível deduzir a mensagem de que o leitor não deveria acreditar em tudo que o narrador diz, na sua intenção de incriminar a esposa como uma mulher adúltera. Para tanto, Marta de Sena estabelece um confronto entre as figuras dos três imperadores romanos e a mulher de Massinissa, a cartaginesa Sofonisba, chamando a atenção para o fato de que os imperadores foram todos vítimas de traições que acabaram levando César e Nero à morte, e Augusto à destituição. Já Sofonisba é uma mulher marcada pela honradez e pela fidelidade ao marido, mas uma injusta acusação do general romano Públio Cipião é que a leva à morte.

O que Sena destaca nesse cenário é a presença da traição e da dignidade que, de algum modo, envolve os personagens, funcionando como detalhes importantes para caracterizar momentos cruciais na vida dos imperadores e da esposa de Massinissa. É por meio dessa sugestão que o autor faz passear nas cenas os temas da traição e da honradez. É como se ele segredasse aos ouvidos do leitor a advertência de que a traição pode ser algo presente na vida das pessoas, mas também a fidelidade é uma virtude que faz parte das relações humanas.

Desse modo, o leitor como que fica avisado de que não se pode confiar inteiramente nas insinuações que o narrador Bentinho elabora, a partir da convicção de que Capitu fora uma adúltera.

Leituras como a que foi feita no *Dom Casmurro* primam pela competência do leitor e, segundo o que se vem defendendo neste texto, a competência pode ser obtida a partir da articulação inteligente entre leituras produtivas como as que são propiciadas pela filosofia e pela literatura. Diga-se, ainda, que tais afirmações anunciam também a importância maior que é a presença da escola na preparação daqueles que fazem parte do mundo de encontros e de relações humanas e sociais. Caberá, pois, prioritariamente, ao mundo escolar abrir as portas do conhecimento, formando e oferecendo à sociedade indivíduos que, por uma visão crítica da realidade, possam atuar na construção de um mundo melhor e mais justo para todos. E isso será feito por meio da competência com que tais indivíduos saberão ler o mundo, pois trazem consigo os ensinamentos que a vida escolar lhes deu, ao propiciar a eles a aprendizagem da leitura das mais diferentes linguagens.

Antes de colocar alguns aspectos que ilustram essas afirmações, quero voltar a colocações que foram postas no início e que dizem respeito à presença de outros textos e outras linguagens que têm sido motivo de preocupações pelo fato de criar uma realidade paralela que pode ser manipulada no sentido de enganar as pessoas. Também, como foi dito, a busca do conhecimento que se pode extrair das leituras de textos filosóficos e literários é de fundamental importância para lidar com criações perversas que vêm invadindo nossa realidade. Focalizem-se, então, algumas estruturas que sustentam e organizam textos oriundos do mundo virtual.

MUNDO VIRTUAL E MUNDO REAL: SEDUÇÃO E CONFLITO

Hoje vivemos num mundo em que a busca do novo, a invenção que abre fronteiras e a notável velocidade com que os fatos acontecem, e são imediatamente reconhecidos, colocam o sujeito em situações de conforto e de incrível desenvoltura nos mais diversos campos como o da aprendizagem e do conhecimento. Esse é o inexorável caminhar da ciência que disponibiliza ao ser humano inúmeros processos que trazem mais conforto e segurança ao seu dia a dia, facilitando-lhe a vida e mesmo cuidando do seu bem-estar, tal como aconteceu com a recente pandemia, quando o desenvolvimento científico salvou milhões de vidas pelo fato de se ter criado uma vacina protetora em menos de um ano.

Mas como tudo no universo tem a sua face reversa, a ciência tem também ações e princípios que trazem desconforto e preocupação, sobretudo porque ela desenvolveu-se de tal modo que suas criações acabam tornando-se presença imprescindível à vida contemporânea. E justamente aí está um lado preocupante, uma vez que tal dependência confere à ciência uma autonomia tão significativa que tentar parar algumas de suas ações, por mais nocivas que sejam, é algo inteiramente impossível. Os exemplos estão aí, à vista de todos. Citem-se a preocupante contaminação do meio ambiente, resultado da poluição produzida por um sem-número de máquinas nos mais diferentes setores, assim como a utilização de produtos venenosos para incrementar atividades agrícolas.

Haveria ainda uma lista infindável de outros exemplos, mas quero restringir tais considerações ao tema que vem sendo desenvolvido: a questão da interação filosofia e literatura diante do aparecimento de novas linguagens.

Essa questão tem de ser observada com bastante critério, uma vez que, atualmente, o uso ideológico e, por que não dizer, o uso irresponsável de novas linguagens tem atormentado os sujeitos que transitam no mundo contemporâneo.

A tentativa de enfrentar tais dissonâncias vem se fazendo na reação que as autoridades e os que se preocupam com o bem-estar e com a proteção dos direitos dos cidadãos começam a esboçar, visando a conter os efeitos danosos de tais recursos.

E esse tem sido um trabalho árduo porque o mundo cibernético não para de criar inovações sedutoras que a Internet põe em circulação, descortinando um universo digital que abre caminhos e que reinventa a realidade. Dentre tais inovações, a que parece mais sedutora, nos dias atuais, é a chamada inteligência artificial, um mecanismo que alcança as pessoas com uma força formidável. Isso porque a inteligência artificial surge como uma espécie de confirmação, no mundo real, de cenas fantásticas que o cinema mostrou em vários filmes em que a realidade conhecida, a nossa realidade, era substituída por um novo e fascinante mundo.

Mesmo assim, é preciso dizer que as reações das pessoas diante da novidade oscilam do entusiasmo com a chegada do futuro até a preocupação de que se anuncia ali a substituição do ser humano pelas máquinas. É o caso, por exemplo, do entusiasmo dos que conversam com robôs em feiras de tecnologia e, segundo dizem, tudo se passa como se estivessem diante de um ser humano. Mas há também a crítica dos que veem na experiência o uso de padrões previamente instalados, numa interlocução fria sem qualquer sinal de interesse ou afetividade, aspectos que não existem na relação. É isso que ocorre com o ChatGPT, em que a inteligência artificial põe em execução um formato de diálogo que encanta os que participam da

experiência. Entretanto, dizem os especialistas que tal procedimento apenas reproduz textos que têm semelhança com o que os humanos fazem e que precisam ser montados previamente.

O que se pode observar nesse debate é o contraditório que tais especialistas colocam para mostrar que, sob o véu da novidade, podem estar ameaças que atuam de fato no nível das *fake news*. É o que se vê, por exemplo, nas colocações da professora Pattie Mas, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que mostrou, numa entrevista, sua preocupação com a grande quantidade de conteúdos que as ferramentas geradoras de texto, como ChatGPT, colocam para ser consumidos. Na avaliação da professora do programa de Mídia, Artes e Ciências do MIT, a produção de milhares de notícias não verdadeiras, que a enorme quantidade de perfis falsos colocarão nas redes, poderá levar um universo enorme de pessoas a tomar decisões equivocadas.

Esse risco existe ainda mais significativamente porque a inteligência artificial está bem sustentada com o aval da ciência, o que lhe confere uma aceitação que se faz normalmente sem questionamentos. Colabora para isso o fato de que as operações produzidas, segundo os especialistas, são de boa qualidade, o que acaba sendo um fator preponderante para a sua aceitação passiva.

Tudo isso tem sua razão de ser, mas há também que se reconhecer que a inteligência artificial tem notórias contribuições a oferecer ao mundo. Apenas a título de exemplo, citem-se os avanços que já aparecem nos sites de busca, e como a evolução nesse universo transcorre em alta velocidade, os cientistas já preveem um revolucionário refinamento que tais sites estarão disponibilizando aos usuários.

Diante do exposto, preciso dizer que não há que demonizar a presença da inteligência artificial, mas também há que se pensar em ações que possam, de alguma forma, prevenir efeitos maléficos que podem vir embutidos na sua atuação.

UMA FORMA DE PREVENÇÃO: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E O REFINAMENTO DAS LEITURAS

Nesta parte, seria necessário trazer de volta uma reflexão acerca do cuidado que se deve ter com relação ao vertiginoso desenrolar do mundo virtual. Parece que o enfrentamento das dissonâncias que aí se fazem presentes pode ter algum resultado com a adoção de práticas restritivas e impedimentos baseados numa legislação específica, do que decorreriam, inclusive, punições.

Entretanto, é necessário dizer que decisões como essas podem ser contestadas e modificadas pelos mais variados vieses das práticas jurídicas, além de serem, em muitos casos, de difícil aplicação. Afinal, o mundo em que a evolução da ciência opera é de tal grandiosidade que é preciso trabalhar com prudência e discernimento.

É nesse cenário que cientistas e intelectuais de vários setores têm aprofundado reflexões e elencado propostas para enfrentar a questão. Dentre elas, destaca-se a ênfase que se atribui à educação, na crença de que esse núcleo do saber, pela sua abrangência, deve merecer uma atenção especial. Afinal, o mundo da educação sempre teve como objetivo fundamental o trabalho voltado para o sujeito humano. E hoje, mais do que nunca, a preocupação que a prática educacional tem com a pessoa é tão significativa que a inserção desse sujeito humano no mundo social passa por caminhos que procuram fazer dele um cidadão consciente, apto a colaborar para a edificação de um mundo marcado pela solidariedade, pelo respeito aos direitos humanos e pela harmonia nas relações sociais.

Em tais reflexões fica claro que a educação é algo que vai além da mera aquisição de conhecimentos e da habilitação para o exercício de profissões específicas. Da sua competência para formar cidadãos conscientes e de espírito aberto pode-se esperar uma efetiva atuação no sentido de minimizar efeitos deletérios que vêm dos mais diferentes setores do mundo social onde, efetivamente, atuam com grande influência as redes sociais.

E por que se pode considerar que a formação proporcionada pela educação tem um papel relevante nesse setor? Para dar essa resposta temos que trazer de volta algumas colocações que foram feitas no início desta exposição, quando se falou na articulação da filosofia com a literatura e na magia da língua.

O estudo da filosofia e da literatura se faz, fundamentalmente, por meio da ênfase na prática da leitura. E essa prática, ao longo do tempo, vai promovendo um refinamento do ato de ler que colabora para a aquisição e o aperfeiçoamento de um saber que vai sedimentando e acumulando o conhecimento. O resultado disso, obviamente, é a formação crítica que faz do sujeito alguém que olha o mundo de forma mais verticalizada, devido à captação de detalhes que transitam na realidade. Essa observação privilegiada acontece porque o sujeito aprendeu a fazer leituras em que aspectos minuciosos não passaram despercebidos e o seu achamento, no interior dos signos linguísticos, deu a ver uma inteireza de significação que a leitura refinada trouxe ao leitor.

Essa qualidade de leitura decorre daquilo que já foi enunciado como uma *intuslegere*, ou seja, uma leitura inteligente, aquela que lê por dentro. Destaque-se esta consequência lógica:

quem sabe ler, competentemente, um texto, saberá também ler, competentemente, o mundo real. Afinal, o mundo é um grande texto.

Exemplos desse encontro com a língua também foram enunciados nas citações de vários nomes como Aristóteles, Platão, Foucault, Deleuze, Wittgenstein, Santo Agostinho, Lévi-Strauss e Derrida, todos eles mestres de reflexões e ensinamentos que têm a língua e a linguagem como operadoras numa visão privilegiada, mais profunda e mais esclarecida.

É bom lembrar que uma leitura competente, em qualquer setor do conhecimento, é resultado de uma prática contínua, uma vez que o exercício de inteligência se faz pelo refinamento que se obtém pelo acúmulo da aprendizagem, o que torna a língua um agente imprescindível para a produção e a disseminação do saber.

Para além da roupagem que a língua carrega, na sua magia, uma singularidade pode ser evocada para mostrar a sua atuação como uma força criadora da própria realidade, do próprio mundo. Antes de falar dessa singularidade, seria proveitoso fazer uma evocação da passagem bíblica em que Adão, no paraíso, dá nome às coisas. Isso significa que tudo ali passou a existir depois que o primeiro homem identificou cada componente daquele mundo com um signo linguístico. Essa inauguração é conhecida como linguagem adâmica, e sua principal característica é o fato de que ela estabelecia uma relação direta entre o signo e a coisa focalizada, sem qualquer mediação que poderia comprometer a limpidez de sua expressão, muito diferente, portanto, do que ocorre na linguagem que se utiliza no nosso mundo, pois a linguagem cresce continuamente de tamanho, e com isso sua expressão torna-se multifacetada, numa produção de sentido que ultrapassa em muito aquele modo direto de alcançar o referente.

A evocação da figura adâmica é ilustrativa porque, no mundo real, o que se observa é exatamente o mesmo, ou seja, qualquer ser, qualquer coisa, enfim tudo o que nasce ou é descoberto, só passa a ter existência depois de ganhar um nome, de se tornar um signo. Lembre-se, nesse passo, a referência que se fez, no início, quando se falou das pesquisas da NASA na busca de identificação do que seria o último planeta do Sistema Solar. Mesmo sendo ainda uma presença não inteiramente confirmada, houve necessidade de dar vida ao astro, com um nome: “Planeta Nove”.

Enfim, estas reflexões procuraram destacar a importância da filosofia como uma instância significativa para propiciar um diálogo proveitoso com diversas áreas do conhecimento. Por essa razão é que se colocou em relevo a sua articulação com a literatura, buscando revelar como um texto literário pode se valer do discurso filosófico para mostrar a magia da sua

concepção. Do mesmo modo a língua, que em sua dimensão mágica atua para promover o conhecimento, também revela um saber primeiro: o de que tudo que existe é dado à luz por ela. Além disso, a língua ainda surge como uma esperança de conter excessos e más intenções que podem se incorporar, claramente ou de modo enviesado, no sedutor reduto do mundo digital.

Como termo final, quero lembrar que a intenção em explicitar os temas e assuntos aqui propostos poderia ser enfeixada numa conclusão assim resumida: é necessário que todos cultivemos a crença de que dialogar — em termos filosóficos, literários, linguísticos, científicos e políticos — é possível. Basta fazer as linguagens interagirem.